

# INDÍGENAS NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA: SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E PATRIMÔNIO.

**Aurelino José Ferreira Filho**

Doutor em História pela PUC/SP. Professor Associado da Universidade Federal de  
Uberlândia, Campus do Pontal.  
aurelino.ufu@gmail.com.br

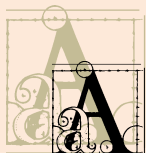
**resumo:** Este artigo é resultado de trabalhos, em âmbito de extensão, por nós desenvolvido no Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia – mais especificamente nos municípios de Ituiutaba e Cachoeira Dourada – na área do patrimônio arqueológico indígena. Trata-se, também, da publicação parcial da pesquisa intitulada *História indígena, arqueologia e patrimônio cultural: Triângulo Mineiro-MG*, desenvolvida por Claudio Scarparo Silva sob nossa orientação, na Universidade Federal de Uberlândia. Buscamos, assim, contribuir com as pesquisas acerca da História e da arqueologia indígena da Região do Pontal do Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba- MG.

**Palavras-chave:** Patrimônio Arqueológico; Povos Indígenas; Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

**abstract:** This article is the result of the extension work carried out by us at the Pontal Campus of the Federal University of Uberlândia - specifically in the municipalities of Ituiutaba and Cachoeira Dourada - in the area of indigenous archaeological heritage. It is also a partial publication of the research titled *Indigenous history, archeology and cultural heritage: Triângulo Mineiro-MG*, developed by Claudio Scarparo Silva under our guidance, in the Universidade Federal de Uberlândia. We thus seek to contribute to the researches on the history and indigenous archeology of the Pontal region of the Triângulo Mineiro and Alto Parnaíba-MG.

**Key-words:** Archaeological Heritage, Indigenous People; Triângulo Mineiro and Alto Paranaíba.

## introdução



A grande quantidade de registros lito-cerâmicos existente na região do Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba-MG, pode ser encontrada principalmente nos municípios de Ituiutaba, Capinópolis, Cachoeira Dourada, Gurinhatã, Ipiacaçu, Canápolis, Centralina, Araporã, Santa Vitória, Prata, Tupaciguara, Carneirinho, Iturama, Campina Verde, entre outros. Neste artigo, como já anunciado, dar-se ênfase aos sítios existentes nos municípios de Cachoeira Dourada e Ituiutaba, nos quais realizamos inúmeras visitas por meio de nossas ações extencionistas; que já tiveram diagnósticos arqueológicos produzidos pelo Dr. Marcelo Fagundes, à época, diretor do Laboratório de Arqueologia da Universidade do Vale do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM.

## pesquisas arqueológicas nos municípios de ituiutaba e cachoeira dourada – triângulo mineiro – mg

A região do Triângulo Mineiro a Alto Paranaíba-MG, conta com significativo acervo de artefatos líticos e cerâmicos indígenas, espalhados por seus vários sítios, em sua maioria, à céu aberto, próximos à encostas, rios, córregos e pequenas e grandes propriedades da região.

Segundo Márcia Angelina,

As escavações desenvolvidas pelo projeto Quebra Anzol, evidenciaram aldeias ceramistas, com um único estrato arqueológico - o lito-cerâmico, com assentamento em relevo de vertentes, ou seja, a meia encosta de colinas, contornadas, em suas bases, por cursos d'água - córregos, ribeirões, etc., definido por Pallestrini de padrão lito-cerâmico colinar.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> ALVES, Márcia Angelina. *Relatório de 2ª Campanha de Escavação do Sítio Resende*. São Paulo: USP/MAE. 1990.

## **município de ituiutaba - mg**

No ano de 2009, a *Fundação Cultural de Ituiutaba- FCI* realizou a primeira pesquisa arqueológica desenvolvida por um órgão público do município. Para este fim, contratou a empresa *Ambiente Consultoria e Assessoria Ltda*, com sede em Belo Horizonte - MG, cujo arqueólogo responsável foi o Dr. Marcelo Fagundes, à época à frente do já citado Laboratório de Arqueologia da Universidade do Vale do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

A pesquisa, desenvolvida com observação de superfície, sondagens, escavações, catalogação e recolhimento de artefatos, contou com a colaboração do então técnico do Setor de Patrimônio Cultural da citada Fundação, Claudio Scarparo, e todo o trabalho de diagnóstico arqueológico durou 15 dias, percorrendo parte do território do município de Ituiutaba, especificamente comunidade Santa Rita, Vertente do rio Rochedo, Córrego do Bugre e Córrego São Lourenço.<sup>2</sup>

Embora para Prous, os sítios, por si só, não permitam diagnósticos completos sobre as formas de ocupação de todo um território, entre descobertas fortuitas e a certeza da existência de artefatos líticos e cerâmicos indígenas no território do município de Ituiutaba, esta foi a primeira vez que este material teve um diagnóstico arqueológico afirmativo.

Os sítios arqueológicos não são entidades isoladas, mas elementos dentro da ocupação de um território por uma população. Alguns deles refletem ocupações sazonais, enquanto outros correspondem a habitações de longa duração. Alguns mostram apenas atividades precisas e limitadas (cemitérios, locais de extração de matéria-prima, ateliês de fabricação de instrumentos, locais de preservação de alimentos etc.), enquanto outros guardam vestígios de atividades diversificadas. Uns evidenciam a exploração de zonas baixas (por exemplo, para agricultura ou pesca), enquanto outros correspondem a um uso casual (tal como caça, coleta de determinadas plantas ou realização de rituais). Cada sítio deve ser abordado de uma maneira específica, e nenhum deles apresenta uma visão completa da ocupação do território.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> A pesquisa teve a autorização do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), através da portaria nº 01514.000884/2009-11.

<sup>3</sup> PROUS, André. *O Brasil Antes dos Brasileiros - A pré-história do nosso país*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

O diagnóstico em questão seguiu pistas encontradas em trabalhos anteriores realizados pelo Setor de Patrimônio da Fundação Cultural de Ituiutaba na região do Rio Tijucu, comunidade Santa Rita e da Serra de São Lourenço, sendo a comunidade Santa Rita uma das primeiras localidades diagnosticadas pela pesquisa. No local, próximo à cachoeira do Córrego Santa Rita, foram encontrados cacos cerâmicos e artefatos líticos, sugerindo a existência de um aldeamento cerâmico.

Nesta região, especificamente no Córrego do Retiro, mais próximo do Rio Tijucu, diagnosticou-se uma área como tendo sido uma grande laje com vários artefatos líticos, a equipe diagnosticou mais 3 (três) sítios arqueológicos. Nestes sítios foram identificadas, em afloramento, grandes concentrações de material lítico de arenito calcificado silicificado, caracterizado como uma indústria de ferramentas (Fagundes, 2009). A este local, provavelmente, muitos índios se dirigiam para obter ferramentas para suas atividades diárias.



Imagem 1: Artefatos líticos na Vertente do Rochedo – Fotografia Cláudio Scarparo – 2009

Artefatos líticos





**Imagem 2** Artefatos cerâmicos e líticos encontrados na vertente do Rochedo – Fotografia: Cláudio Scarparo – 2009

No Córrego de Santa Rita a equipe fez explorações até sua confluência com o Rio Tijuco, identificando mais 12 sítios arqueológicos com farta presença de material lito-cerâmico, comprovando uma área considerável de concentração indígena. Nestes sítios se constatou a ocorrência de muito material lítico lascado, núcleos, resíduos de arenito silicificado e artefatos plano-convexos.

Próximo à divisa dos municípios de Ituiutaba e Prata, na altura do córrego denominado Zé Paulo, a equipe diagnosticou mais dois sítios, os quais denominaram de sítios Água Amarela e sítio Zé Paulo; embora, em função da forte compactação do solo e da pastagem, impedindo assim a visibilidade de artefatos, não tenha sido descoberto ali muitos materiais. Entretanto, foi diagnosticado como sítios com existência de matéria prima (argila) para a confecção cerâmica.

Na região da Vertente do Rochedo, localizada às margens do Rio Tijuco, divisa entre os municípios de Ituiutaba e Prata, foram catalogados 5 (cinco) sítios arqueológicos com forte presença de cacos cerâmicos, denominados Sítio Vertente do Rochedo 1, 2, 3, 4 e 5.

No Córrego do Bugre, assim como na vertente do Rochedo e em boa parte do território tijucano, a equipe também encontrou farta quantidade de fragmentos cerâmicos.

Na região da Serra de São Lourenço, próximo à divisa com o município de Prata, encontrou-se abundantes cacos cerâmicos na superfície, o que levou o arqueólogo Dr. Marcelo Fagundes a realizar escavações em quadrantes, com sondagens de 1m x 1m, recolhendo materiais a 80 cm de profundidade. As escavações identificaram o seguinte material:

profundidade	características
Superfície	Muito fragmento cerâmico
Raspagem (0 a 5 cm)	Muitos fragmentos cerâmicos
5 a 15 cm	Muitos fragmentos removidos pela ação do arado (manual)
15 a 25 cm	Ainda muita incidência de materiais cerâmicos (acreditamos que até aqui o material é descontextualizado).
25 a 35 cm	Diminui a quantidade de material cerâmico.
35 a 45 cm	Ausência de material cerâmico
45 a 70 cm	Presença de pouco material cerâmico
70 a 80	Ausência de material cerâmico

Tabela 1 FAGUNDES, 2009.

A área em questão foi considerada importante sítio arqueológico, denominado São Lourenço, com expressiva presença de material cerâmico.

Na região do Rio da Prata, próxima ao Córrego do Materinho, também se encontrou variada quantidade de material lítico lascado, identificados e nomeados como Sítio do Materinho 1, 2, 3 e 4. Nas proximidades do Rio da Prata encontrou-se materiais líticos em superfície, sendo este sítio registrado com a denominação de Sítio do Prata, encerrando esta pesquisa no município de Ituiutaba.

## **município de cachoeira dourada – mg**

No ano de 2011, o município de Cachoeira Dourada - MG, firmou convênio com o *Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem - LAEP*, da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, tendo como Diretor, à época, o arqueólogo Dr. Marcelo Fagundes, para a realização de pesquisas arqueológicas no município<sup>4</sup>. O primeiro local a ser visitado foi o *Sítio São João Batista*, próximo ao Rio Paranaíba no mesmo município. Neste sítio foram evidenciados muitos

<sup>4</sup> Protocolada junto ao IPHAN e foi autorizada sob o n.º 01514.003608/2011-20.

fragmentos cerâmicos espalhados pela superfície do terreno. Fragmentos este que foram recolhidos e registrados conforme quadro abaixo:

CONCENTRAÇÃO UTM (*Datum* Córrego Alegre)<sup>5</sup> | LOCALIZAÇÃO | MATERIAL

Concentração	Localização em UTM	Material
01	22K 7948222/ 658900	Cerâmica e lascas em arenito e sílex
02	22K 7948247/ 658921	Lascas
03	22K 7948376/ 658887	Cerâmica e lítico (núcleos)
04	22K 7948161/ 658884	Cerâmica e um seixo
05	22K 7948127/ 658885	Muitos fragmentos de cerâmica
06	22K 7948119/ 658894	Muitos fragmentos de cerâmica e poucos líticos
07	22K 7948215/ 658917	Muitos fragmentos cerâmicos e uma lasca
08	22K 7948263/ 658903	Muitos fragmentos cerâmicos e alguns líticos
09	22K 7948285/ 658862	Alguns fragmentos cerâmicos e três líticos
10	22K 7948284/ 658875	Apenas três fragmentos cerâmicos
11	22K 7948089/ 658890	Fragmentos cerâmicos e líticos
12	22K 7948304/ 658910	Lascas em arenito e sílex, e fragmentos cerâmicos
13	22K 7948199/ 658882	Fragmentos cerâmicos e líticos
14	22K 7948179/ 658882	Fragmentos cerâmicos
15	22K 7948153/ 658881	Lítico e fragmentos cerâmicos
16	22K 7948246/ 658883	Muitos fragmentos cerâmicos e líticos
17	22K 7948196/ 658892	Muitos fragmentos cerâmicos e líticos
18	22K 7948278/ 658878	Três peças líticas
19	22K 7948314/ 658891	Fragmentos cerâmicos e líticos
20	22K 7948119/ 658887	Fragmentos cerâmicos e líticos
21	22K 7948172/ 658919	Lítico e cerâmica

Tabela 2: FAGUNDES, 2011.

<sup>5</sup> Sistema geodésico de referência. Este nome provém de um vértice da triangulação, localizado nas imediações de Uberaba-MG (<http://cartografia.eng.br/datum/>, acessado em 14/04/2015, às 10:00 h).

Como se pode observar no quadro acima, somente no sítio São João Batista foram identificadas inúmeras concentrações lito-cerâmicas. Também se observou abundante presença de material lítico, diagnosticadas como peças expeditivas, pouco retocadas e para uso imediato, feitas em arenito e sílex.

No sítio Cachoeira 01, na saída do município de Cachoeira Dourada para a região denominada Balsa, foram encontrados materiais lito-cerâmicos e um achado importante: dentes humanos em um recipiente cerâmico, encontrados por um morador local, Sr. Lazinho. Material este que pode dar grande contribuição, se datado, para o conhecimento dos primeiros habitantes da região.



**Imagem 3:** Sítio Cachoeira 1. Local onde foi encontrada a placa cerâmica com dentes humanos, sendo indicado pelo Sr. Lazinho. Fonte: LAEP/2011

Também na mesma área, identificou-se outro sítio denominado Cachoeira 02, com presença considerável de material lito-cerâmico.

Na região do Corgão foram identificando 04 sítios denominados Corgão 1, 2, 3 e 4. Em ambos foram encontrados grande variedade de cacos cerâmicos e materiais lítico lascados. Além deste material, houve também a descoberta, por parte do proprietário da área, sr. Paulo Francisco da Silva, de uma lâmina polida (machadinha).





**Imagem 4:** Lâmina de machado encontrada pelo sr. Paulo Francisco da Silva (Sítio Córgeão). Fonte: LAEP/2011

Nas proximidades do Rio Paranaíba identificou-se o sítio São José. Este sítio foi associado a uma grande aldeia ceramista, devido à grande quantidade de material cerâmico e presença de manchas escuras no solo. Também próximo ao mesmo rio, identificou-se mais 02 (dois) sítios denominados Sítio do Lago 01 e 02.



**Imagem 5:** Sítio do Lago. Prospecção.  
Fonte: LAEP/2011

Neste local (imagem 5), o Sítio do Lago 02 sofre intervenção negativa do lago da represa da usina hidrelétrica de Cachoeira Dourada, onde foi encontrado um importante artefato lítico, a base de uma ponta de flecha ou de lança. Esse material não é fácil de ser encontrado, e constitui importante fonte para supormos que havia atividades de caça e/ou de guerra na área. Neste sítio, devido ao grande número de artefatos lascados, também foi evidenciado uma indústria lítica (local de captação).

No *Sítio Cachoeira 03* foi identificado outro local de captação de material lítico, além da presença de cacos cerâmicos. O material coletado nos sítios arqueológicos, como já afirmado, foi levado para o *Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem- LAEP*, da UFVJM, para realização de pesquisas, como ajustado no convênio entre o município de Cachoeira Dourada e aquela Universidade. Pesquisas estas que dataram alguns artefatos cerâmicos, encontrados no sítio Corgão 2 e 3, entre 600 a 500 anos A. P. (antes do tempo presente).

Assim, o diagnóstico realizado por meio do convênio celebrado com o LAEP/UFVJM subsidiou o *Inventário de Bens Culturais*, executado pela equipe do Setor de Patrimônio Cultural do município de Cachoeira Dourada-MG, com a participação do então assessor daquele setor, Cláudio Scarparo Silva, resultando na possibilidade de proteção reforçada àqueles sítios.

## **etno-história indígena e memória no triângulo mineiro e alto paranaíba-mg**

Se os guias fósseis registram a existência de populações indígenas no território do Sertão da Farinha podre, atual Triângulo Mineiro e parte do Alto Parnaíba-MG, anterior ao contato, metodologicamente, é produtor de dialogar com a etno-história, entendida, grosso modo, enquanto o manuseio de documentos escritos e dados arqueológicos para a reconstrução da história indígenas. Assim, faz-se importante estabelecer relações entre os registros arqueológicos – artefatos líticos e cerâmicos encontrados nos sítios – e fontes históricas, entre elas, relatos memorialísticos e de moradores da região pesquisada.

Considerando que a memória pode, e deve, ser “acionada” não para suprimir a ausência de fontes documentais e/ou arqueológicas, mas para agregar-se àquelas, ou mesmo falar por si só, podendo assim revelar sujeitos ausentes ou ofuscados em outros registros, portanto, faz-se necessário reconhecermos a importância dos relatos orais de antigos moradores, que deixaram valiosas memórias para a etno-história indígena da região do Triângulo Mineiro e Alto Parnaíba-MG.

A presença do indígena na região foi amplamente registrada por memorialistas. Embora os tratando como “aborígenes e infelizes silvícolas”, Edelweiss Teixeira nos deixou precioso relato:

O aborígene Caiapó era o dono da região. A tribo ‘panariá’, sobre a qual escreveu Alexandre Barbosa, deixou seus vestígios às margens do Rio Prata e Tijuco. Além da “igaçaba” funerárias, aqui e acolá ainda há pouco encontradiças, deixou-se lembrada na toponímia regional 3 nomes, núcleos de antigas tabas. A ‘Fazenda do Bugre’ no córrego do mesmo nome, afluente do Prata, propriedade hoje pertencente a Belarmino Vilela, m. do Prata. A “Aldeia Velha”, junto do Rio Douradinho, nas divisas de Prata com Ituiutaba. Ali ficava a sesmaria de D. Maria Angélica, na Aldeia Velha dos Índios. A “Fazenda da Aldeia”, próximo da Capela de S. Francisco de Sales, beira do Rio Verde, próximo ao Rio Grande. O “Curato da Missão” foi o 1º núcleo de catequização do ameríndio na região triangulina, fundada pelo Pe. Davi Pereira, Lazarista. Essa fazenda desapareceu mais tarde, esmagada sob o rolo compressor da avalanche de forasteiros, ávidos de terras, a despejar os bugres para Goiás e Mato Grosso.<sup>6</sup>

Segundo moradores do município de Cachoeira Dourada, em depoimentos no ano de 2011, dentre eles o Sr. Valterci Storti, ex-prefeito do município, e já falecido, haviam índios “aparecendo” no antigo povoado denominado Cachoeira Dourada e Feijoadá até a década de 1960. Sr. Eduardo, antigo morador do mesmo município, afirma ter visto, na década de 1960, padres de Uberaba cavarem covas em uma ilha no meio do Rio Paranaíba – em uma área atualmente represada pela Usina Hidrelétrica de Cachoeira Dourada – e dentro destas covas retirarem igaçabas com “ossos grandes da canela”, levando-o à conclusão de se tratar de pessoas de alta estatura. Sr. Eduardo Lucas Fernandes, apelidado de Alemão, em depoimento colhido em 2012, relatou a presença de “um índio”, de alta estatura, que ficava vagueando pelos arredores do povoado até a década de 1950.

Também a imprensa local relatou, em jornais da época, que o primeiro achado arqueológico na Região do Pontal do Triângulo Mineiro-MG se deu na década de 1950, quando da construção da Usina Hidrelétrica de Cachoeira Dourada, que abasteceria a então futura capital do país, a ser construída nas proximidades.

<sup>6</sup> TEIXEIRA, Edelweiss. 1953. *Evolução Histórica de Ituiutaba (1810-1902)*. *Revista Acaiaca*. Belo Horizonte-MG. Imprensa Oficial, 1995.

Segundo sr. José Ferreira de Menezes, primeiro escrivão de paz do município de Cachoeira Dourada, em depoimento em 2012, naquela construção, com o revolvimento do solo, foram encontradas em um esbarrancado próximo ao Rio Paranaíba várias igaçabas enterradas, sobrepostas umas às outras. “Seu Menezes”, como era conhecido, guardou em sua residência um pote com uma ossada e um crânio tendo a testa uma inclinação fora dos padrões atuais. Segundo seu relato, esse pote e a ossada estavam no esbarrancado que sofreu intervenção da construtora da Usina a serviço da CELG (Centrais Elétricas de Goiás). O mesmo afirmava que grande quantidade de potes e igaçabas foi levada por engenheiros da empresa para destinos incertos. Segundo o depoente, o pote e a ossada, guardada por ele, foi emprestada à Secretaria Municipal de Educação do Município de Cachoeira Dourada - MG para exposição, entretanto, desaparecidos até hoje.

Não temos registros de outros achados na região durante as décadas seguintes, sendo que na década de 1980, a arqueóloga Dr<sup>a</sup>. Márcia Angelina Alves, à época à frente do Museu de Antropologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE desenvolveu na região o projeto “Quebra Anzol”, baseado na execução de um Programa de prospecções e escavações sistemáticas em vários sítios arqueológicos. Nessa mesma época, um funcionário da Fazenda Paiolão, localizada no Município de Centralina, Também no Triângulo Mineiro-MG, encontrou uma lâmina polida (machadinha), e, segundo ele, informou o achado arqueológico ao proprietário da fazenda, Dr. Zaire Rezende, então prefeito do município de Uberlândia.

Em matéria publicada no Jornal *O Globo* de 16 de agosto de 1990, noticiava-se o achado de partes de um crânio humano, que, segundo o jornal, ao que tudo indicava, em análise feita pelo Laboratório francês *Gif sur Yvette*, *aproximava-se* de 4200 anos. O achado foi noticiado como a segunda maior datação de um crânio em Minas Gerais, inferior somente ao *Homem de Lagoa Santa*, descoberto no século passado pelo naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, que remonta há 10 mil anos. Esse fragmento de crânio foi denominado de o *Homem do Paiolão*, em homenagem à Fazenda do mesmo nome, onde foi encontrado.

## artefatos cerâmicos e a tradição aratu-sapucaí na região do triângulo mineiro e alto paranaíba-mg

Os trabalhos realizados nos municípios de Ituiutaba e Cachoeira Dourada evidenciou a existência de uma farta quantidade de registros cerâmicos na região, que podem ser relacionados, segundo Fagundes<sup>7</sup>, à tradição Aratu-Sapucaí, cuja característica básica é a presença de fragmentos grossos, bem alisados e sem decoração plástica.

Segundo FACCIO; COSTA; LUZ; BARROCÁ; MATHEUS,

a Tradição Aratu surgiu no âmbito das pesquisas arqueológicas empreendidas pelo Pronapa (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) com os estudos realizados por Valentin Calderón, na Bahia. Segundo Fernandes (2001), o Pronapa foi o responsável pela criação das tradições e fases da pré-história brasileira, da qual faz parte a Tradição Aratu Sapucaí. Essa tradição foi definida a partir de um conjunto de sítios que apresentaram indícios de uma sociedade agrícola. Segundo Schmitz e Rogge (2008), os primeiros estudos que identificaram sítios arqueológicos relacionados à Tradição Aratu foram realizados em áreas de clima quente e subquente, com solos suficientes para a agricultura, no litoral e no interior dos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais.<sup>8</sup>

Novamente segundo Fagundes,<sup>9</sup> a tradição Aratu sapucaí foi atribuída à agrupamentos horticultores e ceramistas, com assentamentos circulares próximos a pequenos cursos d'água. Ainda segundo o autor, a presença de registros cerâmicos que podem se atribuídos à tradição Aratu-sapucaí próxima a leitos de grandes rios, nesse caso, próximos ao Rio Tijuco, é fato incomum na literatura arqueológica brasileira. Entretanto, a pesquisa naqueles municípios apontou, como já dito, para a possibilidade de se estabelecer aproximações entre os achados na região e esta

<sup>7</sup> FAGUNDES, Marcelo; SILVA, Lidiane Aparecida; CORDEIRO, Isadora Maria dos Santos; BANDEIRA, Arkley Marques. Conjuntos líticos de Horticultores Ceramistas - Associados à Tradição Aratu-Sapucaí: Estudo de Casos dos Sítios Mato Seco e Canoas, Médio do Vale do São Francisco, Minas Gerais. *Revista Tapairú*, Campina Grande - PB, Ano VI - Vol. 1 - N.º 09 - Fevereiro, 2015.

<sup>8</sup> FACCIO; COSTA; LUZ; BARROCÁ; MATHEUS. VASILHAS DUPLAS ARATU (MACRO-JÊ) EM SÍTIO TUPI-GUARANI: EVIDÊNCIA DE CONTATO? *Revista Ágora*. Vitória, n.º 20, 2014, p. 6-23.

<sup>9</sup> FAGUNDES, Marcelo. 2009. *Relatório de Pesquisa Arqueológica em Ituiutaba-MG*. Belo Horizonte - MG. Ambiente, 2009.



tradição, especificamente os sítios da região do Rio Tijucu, sírios que se encontram na divisa com o município de Prata, da Serra de São Lourenço e do Córrego do Bugre.

Mesmo considerando que o enquadramento de artefatos líticos e cerâmicos indígenas em tradições, se consideradas isoladamente, pode nos levar a compor um quadro estático e atemporal daquelas sociedades, desconsiderando, portanto, contextos dinâmicos de contatos intertribais anteriores, bem como trocas, empréstimos e alianças, o material arqueológico disperso pela região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba-MG sugere certa homogeneidade de ocupação de grupos ceramistas, nos permitindo aproximá-los então da tradição Aratu-sapucaí, indicando uma cerâmica grossa, alisada, sem decoração, com populações assentadas próximos a pequenos cursos d'água.

## conclusão

Por fim, as pesquisas arqueológicas nos sítios de Ituiutaba e Cachoeira Dourada deram notoriedade ao Pontal do Triângulo Mineiro - MG como importante território para as pesquisas arqueológicas indígenas no Estado de Minas Gerais; subsidiando, inclusive, a confecção de uma Cartilha por parte do Ministério Público de Minas Gerais em parceria com a UFVJM, intitulada *Preservando a História e a Cultura Mineira - Um Olhar Sobre o Patrimônio Arqueológico de Minas Gerais*. No capítulo 53 desta publicação, o Triângulo Mineiro ocupa lugar entre as regiões em destaque no Estado de Minas Gerais por possuir importante acervo arqueológico, ao lado de outras regiões do estado como Diamantina, Ouro Preto e Lagoa Santa.

Além desta cartilha o patrimônio arqueológico de Ituiutaba foi divulgado no volume I dos *Cadernos do Instituto Nacional de Antropologia e Pensamentos Latino-Americanos*, em 2013, Buenos Aires - Argentina. O artigo sobre o patrimônio cultural arquitetônico e arqueológico de Ituiutaba foi publicado no referido Caderno pela arqueóloga Dra. Cecília Perez Winter em co-autoria com o, à época, diretor do Museu Antropológico de Ituiutaba, Luciano Barbosa e com o então técnico Cláudio Scarparo Silva. Também, o Patrimônio arqueológico da região foi divulgado no evento *Paleo Minas*, no ano de 2010, na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Ocasão em que foi publicado o painel com o Patrimônio Cultural e Arqueológico de Ituiutaba, tendo como autores Cecília P. Winter, Cláudio Scarparo Silva e Luciano Barbosa.

Como aponta Funari:

(...) a manipulação oficial do passado, incluindo-se o gerenciamento do patrimônio, é, de forma constante, reinterpretada pelo povo. Como resumiu António Augusto Arantes (1990: 4): "o patrimônio brasileiro preservado oficialmente mostra um país distante e estrangeiro, apenas acessível por um lado, não fosse o fato de que os grupos sociais o reelaboram de maneira simbólica". Esses estratos são os excluídos do poder e, assim, da preservação do patrimônio.<sup>10</sup>

Desta forma, faz-se fundamental o avanço das pesquisas em arqueologia e étno-histórica, revelando o índio arqueológico, que deixara registros de seu ser, fazer, e de suas culturas, desafiando processos de construção a afirmação da memória oficial que simplesmente nega, no presente, a presença indígena na região.

---

<sup>10</sup> FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.